



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

EDSON PRAZERES RIBEIRO PAIVA

BATALHAS DE POESIA *SLAM*: REPRESENTATIVIDADE SÓCIO-LITERÁRIA

João Pessoa

2019

EDSON PRAZERES RIBEIRO PAIVA

BATALHAS DE POESIA *SLAM*: REPRESENTATIVIDADE SÓCIO-LITERÁRIA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia Félix Gualberto.

João Pessoa

2019

EDSON PRAZERES RIBEIRO PAIVA

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P149b Paiva, Edson Prazeres Ribeiro.

Batalhas de Poesia Slam: Representatividade
Sócio-literária / Edson Prazeres Ribeiro Paiva. - João
Pessoa, 2019.
34f.

Orientação: Ana Cláudia Félix Gualberto.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura. 2. Poesia Slam. 3. Cultura Marginal. I.
Gualberto, Ana Cláudia Félix. II. Título.

UFPB/CCHLA

BATALHAS DE POESIA *SLAM*: REPRESENTATIVIDADE SÓCIO-LITERÁRIA

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr.^a Ana Cláudia Félix Gualberto
(Orientadora)

Prof^ª. Dr.^a Wilma Martins de Mendonça
(Examinadora)

Prof. Ms. Jefferson Cardoso Oliveira
(Examinador)

Prof^ª. Ms Ana Ximenes Gomes de Oliveira
(Suplente)

A Théo,
que a poesia ilumine os caminhos escuros da vida

Agradecimentos

A D. Adriana e Seu Ely, que tanto investiram no amor, no carinho e na presença durante toda minha vida.

A Thainá, pelo companheirismo, pelos incentivos, pelo carinho e afeto dedicado.

A todos os meus professores que tive a honra de receber grandes lições durante a graduação. Em especial, a minha orientadora, Ana Cláudia, pela compreensão e pela disposição em me ajudar durante todos os momentos e, principalmente, na pesquisa deste trabalho.

Resumo

A batalha de poesia *Slam* é uma modalidade de poesia falada que expande seu próprio significado, tanto mostrando-se como um movimento social como também uma modalidade da poesia falada. Ainda pouco conhecida, as batalhas de poesia *Slam* mostram-se como um espaço em que a voz é representada a partir de sua diversidade, representando vários grupos sociais através de temáticas como o gênero, a raça, e a classe social. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma se dá esse manifesto literário e, consequentemente a representatividade social presente no discurso dos autores na produção das poesias recitadas nas batalhas. Para isso, faremos uma análise de três poemas recitados nos principais grupos de batalha *Slam*; compreendendo os aspectos que representam a mulher negra, a comunidade surda e a periferia urbana. Nossa principal fonte de pesquisa baseia-se nas considerações dadas por Roberta Estrela D'alva, sendo ela pioneira tanto na pesquisa como fundadora do movimento no Brasil. Além de estabelecer um breve diálogo com os conceitos de marginalidade na literatura, contribuirá para compreendermos os aspectos da produção dessas poesias.

Palavras chave: Literatura. Poesia *Slam*. Cultura Marginal.

Abstract

The battle of poetry Slam is a mode of spoken poetry that expands its own meaning, both by showing itself as a social movement as well as a mode of spoken poetry. Still little known, the battles of Slam poetry show itself as a space in which the voice is represented from its diversity, representing various social groups from themes such as gender, race, and social class. Thus, the present work aims to understand how this literary manifesto and, consequently, the social representation present in the discourse of the authors in the production of the poetry recited in the battles. To do this, we will analyze three poems recited in the main Slam battle groups; understanding the aspects that represent the black woman, the deaf community and the urban periphery. Our main source of research is based on the considerations given by Roberta Estrela D'alva, being she pioneer both in research and founder of the movement in Brazil. In addition, a brief dialogue with the concepts of marginality in the literature is necessary, as it will contribute to understand the aspects of the production of these poems.

Keywords: Literature. Poetry Slam. Marginal Culture.

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1 - Slam, marginalidade e representatividade	9
Capítulo 2 - Algumas concepções sócio-literárias na poesia Slam	15
Mel Duarte e o Slam das Minas - a auto-representação feminina	16
Slam dos Corpos - A simultaneidade entre o falado e o performático	19
A comunidade periférica urbana por Rafael Carnevali	22
Referências	
Anexos	

Introdução

Ao pensarmos acerca da literatura brasileira contemporânea, podemos remeter aos diversos manifestos literários que se configuram na atualidade, sendo inúmeros os nomes que podemos citar: os repentistas da região norte/nordeste, as prosas poéticas de autores como Wesley Peres e a literatura marginal de autores como Ferréz. Dentre tantos outros, uma maneira de se fazer poesia tem ganhado notoriedade a partir de seu dinamismo oral e da sua relação com a performance.

Poesia autoral, jurados e três minutos. Assim se caracteriza o que podemos afirmar ser uma modalidade esportiva da literatura. A batalha de poesia *Slam* é uma modalidade de poesia falada que expande seu próprio significado, e que podemos definir como um campeonato de poesia, um evento marcado pela (auto)representatividade de grupos sociais ditos minoritários ou até mesmo um espaço de livre expressão político-social.

Independente do ponto de vista, os saraus de poesia *Slam* transcendem o papel de entretenimento e, a cada dia, apresentam-se como um manifesto artístico com características sociais que intervêm na literatura, nas comunidades e na educação em diversos lugares do mundo. No Brasil, são vários os grupos de batalha que estão espalhados por todas as regiões, como o *Slam Parahyba*, sendo nossa referência regional; o *Slam Interescolar* de São Paulo, organizado pelo *Slam da Guilhermina* que reúne vários alunos da cidade de São Paulo; e o *Slam Resistência* se configurando como um grupo de batalha mais radical.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma se dá esse manifesto literário e, conseqüentemente a representatividade social presente nas poesias apresentadas nestas batalhas de poesia, compreendendo a partir das principais temáticas que são abordadas e o que impulsiona esse movimento de auto-representação. Além disso, estabeleceu-se um breve diálogo com os conceitos acerca da literatura marginal/ periférica, tendo em vista os elementos que contrapõe à literatura canônica.

Dividido em dois capítulos, este trabalho será estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo trará um apanhado de conceitos do campo literário que definirá os aspectos da poesia *Slam*, assim como os aspectos sócio-literários da produção literária. Também trataremos nesse primeiro momento um breve diálogo com os conceitos de marginalidade para embasar nossa análise crítica. Nossa principal fonte de pesquisa baseia-se nas considerações dadas por Roberta Estrela D'alva em seu trabalho intitulado “Um microfone na mão e uma

ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena”. Além de pesquisadora, Roberta Estrela D’alva é um dos nomes mais importantes do movimento *Slam* no Brasil e no mundo, sendo ela uma das pioneiras ao fundar o primeiro brasileiro - O ZAP!. Ela também foi destaque na Copa do mundo de *Slam Poetry*, em 2011, ao ocupar o 3º lugar.

O segundo capítulo é composto da análise crítica de poemas recitados em saraus de poesia *Slam*, a partir de materiais audiovisuais disponíveis nas páginas das redes sociais dos grupos, pois é desta maneira que são registrados os poemas autorais recitados/disputados. A nossa análise busca verificar de que maneira as poesias recitadas nas batalhas de poesia *Slam* representam determinados grupos ditos marginalizados, e para isso, escolhemos três poemas: “Pequeno Manual da cultura surda”, de Catharine Moreira e Cauê Gouveia; “Sobre empoderar” de Mel Duarte, um poema de Rafael Carnevali, que retrata a realidade da população das comunidades periféricas. Levantaremos um apanhado de elementos que contextualiza os conceitos acerca da marginalidade e apontaremos os aspectos de representatividade do grupo em questão.

Além disso, vale salientar que para esse trabalho, as considerações apresentadas acerca da representatividade se fará pertinente de acordo com o contexto de cada poesia a qual iremos analisar. Deste modo, examinaremos os diversos aspectos de representação pertinentes a poética utilizada pelo autor a partir do contexto de sua produção.

Capítulo 1 - Slam, marginalidade e representatividade

É uma tarefa árdua compreender os sentidos de uma poesia. Vários elementos que contextualizam a produção de um poema são necessários para compreender as ideias e sentimentos expressos pelo poeta na arriscada investida de atingir (ou não) seu público. E se tratando de Slam?

Além da poesia, a performance de corpo e voz são elementos extras que incorporam o recital do poeta nas batalhas de poesia. A poesia *Slam* não se resume a rimas prontas para uma nota máxima de uma competição, mas um diálogo entre o público e o poeta. Aliás, além disso, podemos considerar os poetas como coadjuvantes de uma “ágora¹”. Essas considerações partem do princípio de como podemos definir o *Slam poetry*.

Acredita-se que no final da década de 1980, Marc Kelly Smith, trabalhador da construção civil e poeta norte-americano, idealizou um evento cujo objetivo era tornar

¹ Termo grego usado por Roberta Estrela D’alva para definir a reunião em que se dá ao organizar as batalhas de poesia, onde todos os presentes participam e interagem entre si de alguma forma.

competitivo os saraus de poesia, que aconteciam em bares na periferia de Chicago. Assim, o *Slam* se estendeu à outras regiões dos Estados Unidos e, conseqüentemente, somando mais adeptos ao campeonato e agregando identidades culturais, como a do movimento hip hop².

Já no início dos anos ‘90, o *Slam poetry* ganha notoriedade através do *National Poetry Slam*, o campeonato nacional de poesia *Slam* ocorrido em São Francisco, na Califórnia, que reuniu grupos de poetas da própria cidade, assim como de Nova York e Chicago. Ao longo dos anos, o *Slam poetry* se transformou, tornando-se não apenas em uma “modalidade da poesia falada”, mas também um precursor da representatividade de minorias e grande influência na literatura de todos os lugares do mundo.

Essas batalhas cresceram não apenas se tornando um popular jogo de poesia, mas criou-se uma identidade de resistência a partir do diálogo com as temáticas propriamente debatidas e enfrentadas por diversas comunidades, como o discurso racial, a ideologia de gênero, desigualdade social, o combate ao discurso de ódio e a contravenção ao regime opressor da atual conjuntura política. Como afirma Roberta Estrela D’alva (2011) a poesia *Slam* pode ser definida de algumas maneiras: “uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo como mais uma forma de entretenimento”. (D’ALVA, 2011. pág. 120)

Mesmo havendo vários grupos de *Slam* espalhados ao redor do mundo, em sua essência, o *slam* se configura desta maneira: como uma extensão dos saraus poéticos, onde a poesia e a performance criam um único sentido para a poesia.

Em suma, mesmo havendo distinções sobre a organização dos grupos de Slam, toda batalha de poesia segue três regras básica, como afirma a poeta: “os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical” (D’ALVA, 2011. Pág.122).

Mesmo que haja tal limitação para o jogo, os *slammers*³ não vêm a poesia como uma oportunidade para se tornar um ícone ou enaltecer sua figura pessoal como poeta, mas também expandir e representar uma comunidade a partir do discurso poético. David Lee Morgan, primeiro lugar na Copa Mundial de *Slam* de 2011, afirma:

² Assim como outras manifestações culturais, a poesia Slam também está associada ao termo *Spoken words*, livremente traduzido como *palavra falada*, e se refere às performances ou recitais em que o poema é dito, enfatizando sempre a oralidade da performance.

³ Nome atribuído ao poeta que participa do *Slam*

Eu acho que é uma forma de arte, e como toda forma artística tão popular quanto o *slam* está se tornando, surgem pessoas que fazem isso para serem bem-sucedidas. Assim como vários filmes são feitos para ganhar dinheiro, muitas poesias de *slam* são feitas para ganhar pontos. Mas ainda assim há grandes obras de arte no cinema e eu acho que progressivamente há grandes obras sendo criadas por poetas de *slam*, poetas-performers, é um novo gênero que está chegando. (D'ALVA Aput Morgan. 2011. Pág. 122)

O poeta americano nos mostra sua perspectiva sobre o movimento de *Slam poetry* fazendo uma equiparação entre a literatura e o cinema. Da mesma maneira que pode ser adotada pelo poeta a partir de sua superficialidade (ao tratá-la como um meio de se tornar bem-sucedido), ela também pode se constituir como um obra artística com todos os parâmetros de representatividade.

O *Slam* possui uma relação intrínseca com a cultura periférica. Além da poesia como protagonista, o próprio evento se configura como uma espécie de celebração. A presença de alguns elementos do campeonato pode ser facilmente associado à eventos da cultura hip hop, como exemplo, a presença de um DJ para intermediar as performances. Além disso, a linguagem muitas vezes coloquial e o conteúdo que constituem as poesias.

A título de comparação, pode-se adotar as características do mestre de cerimônia (MC) ao *Slammaster*⁴, cujo papel é nortear as batalhas de poesia, assim como o MC faz nas batalhas de rap. Para os poetas, o título de *Slammer* também se associa ao do *rapper*, sendo ele o agente que produz e sensibiliza o público com os versos de autoria própria. Além disso, a presença dos jurados, esses escolhidos ao meio do público presente, reforça o aspecto competitivo da poesia *Slam*.

Apesar dessas características, não podemos reduzir seu significado. A poesia *Slam* tem como característica a conexão direta entre poeta e público, tornando um diálogo oral, direto e rico em significados. Geralmente, o discurso e as temáticas das poesias são marcadas pelos anseios e vivências de um determinado grupo, pela identidade e empoderamento de indivíduos e pela (auto)representação desses indivíduos. Cada grupo de *Slam* é munido de experiências próprias, assim como suas dificuldades de manter o evento ativo, fazendo com que os eventos se configurem como um ato de resistência.

Colocando em pauta as questões não somente da comunidade bem como de diversos grupos considerados marginalizados, podemos colocar o *Slammer* como personagem importante nessa relação entre a poesia *Slam* e seu papel social na sociedade e,

⁴ Nome dado ao mediador das performances.

consequentemente, seu valor ante a literatura contemporânea. Considerando uma breve relação entre a cultura marginal/periférica e o papel do autor em representar, podemos considerar a seguinte ideia apontada por Lilian Saback e Paulo Patrocínio:

Ao assumir a posição de sujeito autoral, estes autores estão se colocando igualmente como detentores de um poder discursivo que representa uma coletividade específica: as periferias dos grandes centros urbanos do Brasil. Pois, tão importante quanto conquistar o espaço territorial é igualmente necessário centralizar o poder discursivo, construindo, literalmente, um território narrativo que seja capaz de abarcar sua própria linguagem. (SABACK, PATROCÍNIO, 2013. pág. 130.)

Aqui vemos que os autores apontaram uma condição específica para representação de uma determinada classe, considerando seu contexto social para definir como igualitário seu poder discursivo para assim se mostrar representativo.

Outro elemento importante que precisa ser destacado é a forma como acontecem os eventos. Em sua maior parte, os grupos de *Slam* reúnem-se em espaços públicos, de maior trânsito de pessoas, como estações de metrô, bares, praças e monumentos históricos. O objetivo, como dito anteriormente, é diminuir a distância entre o poeta e o seu público, para facilitar a leitura da performance e para construir sentidos além dos versos ditos/escritos. Além disso, para atingir a popularidade que hoje possui, os campeonatos de *Slam* têm ganhado público através da divulgação pelas redes sociais. As performances gravadas em vídeos são divulgadas e compartilhadas nas páginas do *facebook* e *youtube*.

Ao observarmos o *Slam* a partir de sua característica literária, podemos fazer uma associação ao termo “marginal” ou “marginalidade”. Esse termo, ao ser associado a literatura pode ser definido a partir da relação da literatura com os aspectos marginais de uma obra. A poesia *Slam* não se caracteriza como parte da literatura marginal, mas podemos dizer que está relacionada com o movimento literário por apresentar alguns elementos que coadunam com o conceito de literatura marginal contemporânea.

Érica Peçanha atribui três significados para a literatura marginal:

O primeiro significado se refere à produção dos autores que estariam à margem do corredor comercial oficial de divulgação de obras literárias – considerando-se que os livros se igualam a qualquer bem produzido e consumido nos moldes capitalistas – e circulariam em meios que se opõem ou se apresentam como alternativa ao sistema editorial vigente. O segundo significado está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada

ou os valores literários de uma época, como nos casos das obras de vanguarda. Enquanto o terceiro significado encontra-se ligado ao projeto intelectual do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos. (PEÇANHA, 2006. pág, 11)

Os significados atribuído à literatura marginal segundo Peçanha, mostra-nos como podemos contextualizar e definir uma determinada obra ou autor como objeto que integra a cultura/literatura marginal. Sendo assim, podemos relacionar tais significados com os elementos que compõe a produção de poesia *Slam*, levando em consideração esses três significados: a produção e divulgação alternativa, o tipo de escrita e a auto representação do autor em sua obra.

A princípio, é possível afirmar que o pensamento de Peçanha encontra-se fora de contexto, pois hoje é possível encontrar diversos meios de registrar e promover qualquer produção literária, logo, qualquer produção não se caracteriza legitimamente marginal.

Ao relacionarmos as batalhas de poesia *Slam* com a primeira definição que Érica Peçanha acerca do termo marginal, podemos perceber que o movimento *Slam* de poesia se configura como um meio alternativo de difusão poética. Em outras palavras, podemos perceber como o evento proporciona a visibilidade de autores que possuem um pequeno cerco de admiradores, enaltecendo sua produção e criando novas experiências poéticas a medida que novos *Slammer's* participam.

Além disso, nessa primeira definição, podemos observar que o movimento *Slam* tem a apreciação do “ágora” formado entre poeta e público. Como afirma D'alva,

Para que um *slam* aconteça é fundamental a participação coletiva e ativa de todos os presentes e, embora existam artistas que se destaquem na cena, até mesmo tornando-se celebridades e seguindo carreiras solo, [...] estes são considerados por muitos *slammers* como artistas que fazem *spoken word*, e não *slam*, na medida em que este último só se dá com a participação da comunidade, de outros *slammers*, sem que nenhuma das partes participantes se sobreponha à outra. (D'ALVA. 2011. Pág, 121)

Também não podemos deixar de considerar o empenho de alguns grupos em elaborar compilados e antologias dos poemas apresentados pelos poetas, assim como os incentivos de algumas organizações culturais para tornar o *Slam* ainda mais popular. Porém, o *Slam*

apresenta-se como um manifesto de cunho democrático cuja ideologia perpassa as influências políticas, midiáticas e econômicas.

Na segunda concepção apontada por Erica, a qual trata a marginalidade na literatura a partir do viés linguístico, podemos observar que a escolha lexical varia de acordo com cada poeta. Há poetas que escolhem usar linguagem sofisticada assim como outros que dialogam com o público da forma mais coloquial possível. Essa democratização da voz permite diversos estilos apropriarem o mesmo espaço, sendo considerados todos igualitários. Para sensibilizar o público e os jurados, os *Slammers* utilizam a linguagem coloquial como uma ferramenta para facilitar o diálogo entre a poesia e o público. Porém, vale salientar que se trata apenas de uma ferramenta de produção pois, como o *Slam* é um espaço democrático da poesia, qualquer linguagem é válida. Desta forma, Estrela D'alva aponta:

A diferença de estilos, discursos, idades é característica marcante, e numa noite podem-se ter, juntos, disputando o mesmo *slam*, estudantes adolescentes, professores, atores, profissionais liberais, MCs, jornalistas, donas de casa, dançarinos, vendedores ambulantes, todos reunidos em torno de um único microfone, fazendo uso da liberdade de expressão de suas ideias. (D'ALVA, 2011. Pág. 125)

A partir dessa afirmação, podemos mensurar a dimensão que o *Slam* proporciona ao buscar para o mesmo espaço, um misto de linguagem, estilos, classes, raças, gêneros; respaldando a diversidade existente em qualquer comunidade.

Dessa mesma forma, para a terceira perspectiva apontada por Peçanha, em que define a marginalidade a partir da formação discursiva do autor, podemos apontar esse mesmo aspecto auto-representativo nas poesias recitadas nas batalhas. Essa característica da marginalidade não define o *Slam* como uma literatura marginal. Ao contrário disto, como afirma Cíntia Neves, “tampouco pacífica é a aceitação pelos cânones tradicionais dessa literatura marginal periférica, que cresce no Brasil no decorrer da década de 1990”. (NEVES, 2017. pág. 95.) Quanto aos cânones da literatura marginal, podemos afirmar que estes buscam além do poder enunciativo, “uma vez que os sujeitos periféricos passam a reivindicar seu espaço e querem ser considerados escritores como quaisquer outros autores nacionais.”(Idem. 2017. pág. 95).

Por se trata de um espaço público e democrático, o *Slam* não consiste em apenas poetas advindos da periferia ou poetas que descrevem sobre a periferia, mas o *Slam*

proporciona a inclusão desse sujeito/poeta/voz para assim representar seu espaço, sua identidade e seu discurso literário.

Mesmo assim, é importante pontuarmos a postura que os autores se colocam ao desenvolver suas poesias. Os *Slammers* apresentam-se como autores que não apenas se colocam no papel de competidores, mas também se prestam como detentores de um discurso legitimamente representativo. Essa auto-representação por parte do autor se dá de acordo com o discurso adotado e como ele contextualiza sua posição social. Deste modo, é proposto dizer que, a representação condiz não apenas com a ideologia de um indivíduo ou de uma comunidade, mas a necessidade da manutenção do que é imposto aos indivíduos de maneira geral.

Sendo assim, percebemos de que maneira o movimento *Slam* de poesia relaciona-se com a literatura/cultura marginal/periférica, pois até então contextualizamos a produção nos aspectos sócios literários. Para um segundo momento, nos aprofundaremos a partir da análise de alguns poemas apresentados em batalhas de poesia.

Capítulo 2 - Algumas concepções sócio-literárias na poesia *Slam*

Tomando como base para nossas análises, procuramos categorizar os diversos contextos em que uma poesia é produzida e apresentada de acordo com os conceitos de marginalidade vistos no capítulo anterior. Cada autor assume um discurso poético que, o faz tomar para si o papel de representar diferentes grupos sociais que partilham dos mesmos ideais.

Assim sendo, evidenciaremos uma análise de poemas autorais, apresentados em saraus de poesia *Slam*, associando as ideias predominantes do autor na construção do discurso do poema, e as características sociais que contextualizam essa produção.

Vemos, através dessa análise, a importância de compreendermos o contexto em que essas poesias são produzidas, pois constrói-se a noção de representatividade através da autoimagem do autor. Como Lilian Saback e Paulo Roberto afirmam, em seu trabalho intitulado *A insurreição dos sujeitos silenciados*:

[...] mais importante do que buscar analisar o próprio ato de construção desta autoimagem, no qual os marginais capturam sua própria feição, é igualmente fundamental compreender as imagens

resultantes deste ato, seja no discurso literário ou no audiovisual.
(SABACK, PATROCÍNIO, 2013, pág. 127)

Dessa forma, verificaremos o contexto em que é formado o pensamento crítico do autor, e conseqüentemente o resultado de sua produção, pois ambas definem o aspecto auto-representativo ao empreendermos nossa análise literária.

Também é importante pontuar sobre a exclusividade dos grupos. Não é correto afirmar que determinados grupos de batalha de poesia se sobrepõem ao público ou recebam um destaque especial, a ponto de caracterizem-se como um movimento paralelo aos demais grupos. Ao contrário disso, os *Slams* acabam sendo um meio para que as demais comunidades abarquem ao movimento literário a fim de expressar e de representar a voz daquilo que o representa.

Mel Duarte e o *Slam* das Minas - a auto-representação feminina

O *Slam* das Minas é o primeiro grupo de batalhas de poesia *Slam* idealizado e composto exclusivamente por mulheres. Desde seu início, em 2015, quando formado no Distrito Federal, o *Slam* das minas se expandiu para as demais regiões do país por se configurar como espaço de liberdade, empoderamento e militância feminina, onde suas vozes e seus ideais correspondem a um movimento poético e, além disso, fazem-se representadas diante do cenário literário contemporâneo e da poesia *Slam*.

Ao longo das edições, várias poetisas ganharam destaque e somaram para competir em batalhas importantes, tanto no âmbito nacional, quanto fora do país, como é o caso da Roberta Estrela D'alva e Mel Duarte, que representaram o Brasil na copa mundial de *Slam*.

O *Slam* das minas é um exemplo de como a batalha de poesia *Slam* não apenas apresenta um discurso poético voltado às questões de gênero, mas também se define como um movimento sócio-literário por sua própria identidade e auto-representação, no contexto da poesia falada/performativa.

Para melhor compreendermos as perspectivas a partir da poesia/performance, optamos analisar a poesia de Mel Duarte, intitulada “Sobre empoderar”⁵ (transcrito na íntegra no Anexo I). Mel Duarte é *Slammer* integrante do *Slam* das Minas SP e produtora cultural

⁵ A versão analisada foi apresentada em performance no programa Manos e Minas, da TV Cultura, porém, a poesia originalmente pode ser encontrada no livro *Negra, nua, crua* (DUARTE, 2016.) Vídeo poema disponível em: << <https://www.youtube.com/watch?v=R5xiRkaAxMI>>> Data de acesso: 11 de abril de 2019.

nascida em São Paulo. Seus poemas baseiam-se em temáticas sociais que correspondem a auto-representação da identidade negra e periférica.

Justificamos a escolha desse poema pelo simbolismo dos termos utilizados pela autora, que definem seu caráter auto-representativo, contextualizando a produção e o discurso presente no poema. “Sobre empoderar” é um poema que nos permite enxergar a sociedade sob a perspectiva da mulher negra e poeta, e que ora possui elementos autobiográficos, históricos e associáveis a problemas sociais pertinentes. Além da perspectiva de gênero, o poema também trata a raça como um outro fator importante para a voz da representativa da autora.

Alguns estudos apontam a importância de compreender o contexto existente numa produção literária. Nesse nosso caso, compreender o contexto em que a voz feminina se encontra presente na literatura brasileira. Segundo Douglas Rodrigues (2015) ;

Discutir sobre a mulher negra no contexto da literatura afro-brasileira é percorrer duas vertentes: a primeira, a das próprias mulheres negras que produzem literatura, e ao tempo que assim o fazem se reescrevem na história; e, a segunda, a da representação dessas mulheres na literatura. De todo modo, é entender quem são, o que produzem e como se comportam mediante as relações de gênero e etnicidade que lhes são impostas no contexto dessas produções.(DE SOUZA, 2015. pág 77).

A partir do poema, podemos fazer algumas considerações que nos auxiliam a compreender um pouco mais sobre os aspectos de gênero e de raça presente no poema. Inicialmente, logo na primeira estrofe do poema, a autora se utiliza do próprio pseudônimo para chamar atenção à mensagem que ela deseja transmitir, fazendo um jogral semântico com o nome “Mel”. Além disso, a autora contraria a postura doce que se espera de seu discurso ao se colocar como portadora da voz que enuncia:

Meu nome é doce mas não se iluda/ Em tempos de guerra é preciso convocar seu Buda/Astuta sigo na labuta/ Ta bom! Você quer espaço? Eu chego pro lado, não precisa de disputa(1-4).

Em seguida, a poeta denuncia a conduta masculina apontando o machismo institucionalizado como um significado que define sua luta - *Quando vejo homens abusando do livre arbítrio*(7); e consequente a opressão diante de sua figura feminina sem o devido amparo para tal problemática: *Enquanto irmãs fraquejam sem um ombro amigo* (8). Dessa forma, podemos compreender que o poema propõe observarmos a desigualdade por meio do gênero presente na vida cotidiana da mulher negra.

Como já afirmado anteriormente, o discurso poético baseia-se também na auto-representação e na identidade da poeta - “Preta, poeta, de raro instinto”(12-14); e, estar nessa posição locucionário e social pode estar submetida a dificuldades exclusivamente por sua raça, sua cor e pelo seu “raro instinto” de ter o poder enunciativo nas palavras.

Outro apontamento para este poema é a comparação sugerida pela poeta ao tratar a discrepância entre os padrões de vida da sociedade atual. Além das concepções de gênero e raça, a poeta também ressalta as concepções de classe atribuídas no seu discurso. Nos versos “Não quero festa cara, nem roupa de gala / O que eles gastam em um dia é o mês que minha mãe trabalha” (15-16); o eu-poético reafirma sua denúncia ao associar as diferenças das classes sociais presentes entre “eles” (homens) e a poeta (mulher).

A partir desses dois versos, podemos associar a duas possíveis questões: a diferença salarial entre homens e mulheres, ressaltando mais uma vez a desigualdade presente pela concepção de gênero; assim como também podemos associar a diferença de padrões de vida a partir da raça (Eles brancos, elas negras). Ambas perspectivas nos mostram as diferenças que o eu-poético descreve sobre a imposição de sua raça, seu gênero e sua classe.

Como instrumento de denúncia e de representação, Mel Duarte nos apresenta elementos que caracterizam a identidade da mulher negra, fazendo com que o discurso presente em seu poema se misture diante da voz das mulheres negras. Notamos a partir da gradativa mudança ao utilizar-se, nos primeiros versos, de alguns enunciados no singular, como por exemplo, o quinto verso “Sigo minha intenção...” (v.5) tratando exclusivamente do eu-poético; enquanto nas últimas estrofes a autora deixa de tratar exclusivamente de si, mas também se insere no pensamento coletivo de outras várias mulheres que partilham da mesma compreensão: “Agora já é tarde, estamos espalhadas / Temos um legado a retomar” (última estrofe).

De maneira geral, a partir de todos esses apontamentos acerca do poema de Mel Duarte, compreendemos as expectativas da mulher negra não apenas a partir de seu discurso, mas os aspectos internos e externos que contextualizam sua produção literária. Sua voz e suas

temáticas abrem discussões de ordem social, mostrando a partir de sua autorrepresentação, as concepções de gênero e de raça presente na sua vida e no seu discurso.

Concluimos que Mel Duarte, assim como as várias outras poesias já citadas no *Slam* das minas, parte de um discurso poético que representa a luta da mulher negra e periférica. Vemos também que as batalhas de poesia do *Slam* das Minas também fazem parte desse meio de produção artística que dá vez e voz a esse grupo marginalizado.

Slam dos Corpos - A simultaneidade entre o falado e o performático

O *Slam dos corpos* é o primeiro campeonato de *Slam* do país representado pela comunidade surda. O grupo *corposinalizante*, em parceria com o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra⁶), desenvolveu um projeto a fim de integrar a comunidade surda em um sarau de poesia. Apresentado simultaneamente por duas pessoas, as poesias são recitadas na língua brasileira de sinais (LIBRAS) e em português. O *Slam dos corpos* reúne o diálogo entre línguas e performances que dialoga tanto com ouvintes com também não ouvintes.

O *Slam dos corpos* contribui com as experiências da comunidade surda ao colocá-la em contato com a literatura performática, dando uma outra expectativa a poesia “falada” além de proporcionar ao público ouvinte uma reconstrução acerca dos conceitos literários quando o defrontar com outra maneira de se fazer poesia.

Numa sociedade em que grande a maioria é composta por ouvintes, a comunidade surda lida com a pouca representação nas diversas situações do cotidiano, inclusive no âmbito da literatura. No entanto, os campeonatos de poesia *Slam* servem como um meio de comunicação entre o poeta e o espectador, facilitando esse diálogo entre a língua portuguesa e a Libras, através da expressão dos versos e da performance do poema.

Para compreendermos de que maneira a comunidade surda pode ser representada através das poesias presentes nas batalhas, podemos adotar para nossa análise o poema criado por Catharine Moreira e Cauê Gouveia intitulado “Pequeno manual da cultura surda” (transcrito na íntegra no Anexo II). Em julho de 2016, os poetas apresentaram o poema em performance⁷ no programa Manos e Minas, apresentado por Roberta Estrela D’alva na TV Cultura.

⁶Formado em 2008, O ZAP! foi o primeiro grupo de batalhas de poesia do Brasil.

⁷ Não foi encontrado nenhuma fonte de publicação do poema além das apresentações em saraus. Para a análise, optamos pela versão apresentada no programa Manos e Minas por melhor qualidade de áudio e vídeo. Vídeo-

O Poema trata exclusivamente de alguns apontamentos sobre a comunidade surda e alguns “tabus” que são criados ao tratar da condição física como um elemento limitador ou segregador em determinadas circunstâncias, como por exemplo, a falta de capacidade comunicativa do surdo.

Para compreendermos, logo na primeira estrofe, o poema chama atenção para os termos apropriados para se referir ao surdo: *“Um: a palavra é surda, não é surda-muda / Muda é uma pessoa que não tem voz/ O surdo tem voz”*(1-3). Nota-se que o eu-poético faz uma crítica aos termos utilizados erroneamente ao referir-se à comunidade surda e, além disso, sugere a experiência de ouvir a voz do surdo no quarto verso: *“Se você duvida, deixa ela gritar no seu ouvido”*(4). Esses apontamentos nos permitem compreender uma característica específica da comunidade surda que demonstra sua identidade e singularidade na sociedade moderna: o silenciamento tanto da forma conotativa quanto denotativa, sendo associado à falta de voz representativa dentro do contexto social e a incapacidade de fala de um indivíduo surdo, respectivamente.

Na segunda estrofe, o poema aborda alguns estereótipos construídos sobre a Libras. Sabe-se que a Libras é comumente associada a gestos e mímicas e diante disso, o poema desconstrói essa noção a partir dos versos que iniciam a estrofe (*“Libras é uma língua completa / Com gramática e tudo”*). Durante a performance dessa estrofe, podemos notar a diferença que há entre a palavra saudade (soletrada em libras) e o sinal que corresponde ao sentimento, sendo traduzida simultaneamente.

*“Sinais podem significar palavras
Mas também representa estados emocionais diferentes
Que deixam palavras como saudade no chinelo
Quer ver? “Sau-da-de””* (11-14)

Diante desta visão construída ao longo dos anos, Paula Bigogno em seu trabalho *“O que querem os surdos?”* aponta as singularidades da cultura surda:

“Embora os surdos possam se enquadrar neste contexto como pessoas com deficiência auditiva, eles preferem ser compreendidos em sua singularidade cultural, como surdos, que possuem sua própria língua e um modo particular de ser no mundo” (Bigogno, 2010. pag, 11).

Assim sendo, a partir dessa afirmação, podemos concluir que maneira a comunidade surda é vista como inferior a partir de suas particularidades. A construção deturpada acerca de sua língua e da sua cultura surda torna ainda mais compreensível os aspectos que tornam a comunidade surda marginalizada.

Além disso, na terceira estrofe do poema, os poetas apontam alguns dilemas que cercam a vida e a ordem comunicativa dos indivíduos surdos, sendo mais um elemento que constitui o “manual social” sugerido pelo poema. No segundo verso da terceira estrofe, o poema traz um questionamento bastante comum em relação aos procedimentos cirúrgicos capazes de retomar a audição: *“Porque essa surda não usa um aparelho ou um implante pra ouvir logo?”*(16). Da mesma forma que vimos no exemplo anterior, associamos esse questionamento a uma das maneiras de inferiorização desse grupo. A falta de informação a respeito dos procedimentos inclui vários fatores, como é citado no poema:

“Todos os procedimentos para “normalizar” as pessoas
Envolvem dor, custo e risco
Envolve dizer “você tá errado”, “Você tá errado”, “Você tá errado
Tem um padrão e você não se encaixa”.

A partir da concepção de Paula Bigogno, vemos que não são esses os objetivo que a comunidade surda almeja, pois as intervenções em seu corpo envolvem fatores de ordem psicológica e, principalmente, social.

Por fim, o poema remete a uma reflexão sobre a igualdade e a diversidade existente na cultura surda, associando os diversos estados emocionais e características físicas que qualquer pessoa pode ter. Além disso, o poema sugere a experiência com a empatia, como parte de construção da relação entre ouvintes e não ouvintes.

A partir desses apontamentos podemos compreender que as batalhas de poesias servem como um meio de produção literária que proporciona enxergar o mundo a partir do surdo e suas experiências, invertendo o papel da inclusão (incluir o ouvinte na comunidade surda, e não o contrário). Essa produção insere a comunidade de ouvintes no universo dos surdos, fazendo compreender o aspecto auto-representativo da obra. Embora em dupla, a participação do ouvinte é sugerida e posta em segundo plano, assim como é colocada a figura do surdo ao apresentar sua fala diante da comunidade ouvinte no cotidiano.

Como o *Slam* se configura como um espaço de democratização da poesia, percebemos de que forma essa modalidade permite a inclusão social e amplia as expectativas textuais da produção de poesia. A representação do grupo de surdos através da poesia *Slam* nos permite

aprofundar nossas perspectivas acerca da cultura, da individualidade e da alteridade ao dialogar com a poesia.

A comunidade periférica urbana por Rafael Carnevali

Ao nos referirmos às comunidades periféricas, fazemos menção aos espaços urbanos que correspondem a habitação e a vida cotidiana de pessoas que são socialmente “marginalizadas”. As comunidades são frequentemente citadas não só nos poemas recitados nas batalhas de *Slam* como também nas narrativas que constituem a literatura marginal.

Como citado no capítulo anterior, muitos dos poetas que participam das batalhas de poesia são advindos de comunidades periféricas. Sua produção e identidade literária são associados aos aspectos que definem sua obra como marginal, pois apresentam um discurso que denuncia as diversas maneiras de opressão vivida pela comunidade periférica. Dessa forma, o discurso que contextualiza a realidade tem seu papel representativo, pois representa uma classe social, uma raça, uma cultura.

Ao tratarmos da comunidade periférica urbana, devemos respeitar sua identidade e sua cultura, pois sabe-se que sua identidade marginal se expande para as diversas expressões artísticas, como o rap, o hip-hop, a poesia, o *graffite*, entre outros. Além disso, a literatura tem contribuído para a ascensão social de indivíduos advindos da periferia. Consequentemente, a produção literária desses poetas resulta na construção da identidade cultural da periferia e legitima a representatividade desse grupo.

Dentre os vários grupos de batalha de poesia, poderíamos citar vários exemplos de batalhas organizadas nas periferias do Brasil. Mas, caracterizando-se como um grupo mais radical, o *Slam Resistência* é um grupo de batalhas de poesia que tem como marca principal seu aspecto militante em prol de grupos vistos como minorias. Durante as batalhas de poesia, podemos perceber o tom replicante dos versos que compõe os poemas recitados, sempre abordando temas de cunho social, tomando as principais problemáticas da periferia como pauta.

Dessa forma, escolhemos a poesia apresentada por Rafael Carnevali na 8ª edição do *Slam Resistência*⁸ ao recitar um poema que demonstra a realidade opressora das comunidades periféricas. (poema transcrito na íntegra no Anexo III)

⁸ Os encontros do *Slam Resistência* acontecem mensalmente na praça Roosevelt, em São Paulo. Cada mês corresponde a uma edição.. O poema apresentado por Rafael Carnevali, cujo título desconhecido, foi

Rafael Carnevali vem da periferia de São Paulo e apresenta em seu poema alguns elementos que caracterizam a desigualdade social e a repressão sofrida pela comunidade negra pobre e periférica. Dessa forma, justificamos a escolha do poema a partir do mesmo contexto das anteriores: Carnevali retrata a própria realidade por ser um poeta negro e advindo da periferia. Seu discurso poético e auto-representativo nos mostra de que maneira seu poema, assim como outros poemas recitados nas batalhas do *Slam Resistência*, se define como um ato de denúncia e resistência. Além disso, o poema de Carnevali faz menção a uma figura profissional e artística de MC Daleste, assassinado durante um show em São Paulo. Esse exemplo real da violência contra a cultura marginal/periférica nos incita articular os exemplos reais com o discurso poético do autor.

Logo no início do poema, podemos perceber de que maneira o autor aborda sobre a relevância dos conteúdos que os meios de comunicação utilizam para nortear seus interesses comunicativos:

Morte por ingestão de 25 doses de vodca
deixou o povo mais chocado
do que a distribuição gratuita de balas
por desconhecidos fardados (1-4)

Nesse caso, na primeira estrofe, o poema trata o grau de importância dada a determinado conteúdo veiculado pelos meios de comunicação. Logo de início, o poema instiga a pensar sobre como conteúdos sem relevância podem ser tratados com mais importância do que a conduta abusiva e agressiva por parte da milícia, nas comunidades do Rio de Janeiro.

Ao longo do poema, o poeta distingue dois lados: enquanto há “*o lado que é menos visto/ o lado que é mais julgado*” (5-6), remetendo a periferia; também há o lado “*das grades do condomínio, da televisão*” (42); remetendo a uma classe social privilegiada e que domina um discurso racista, munido de ódio.

Ao referir-se ao lado do menos favorecido, o discurso poético nos sugere a um mergulho às problemáticas que cercam o indivíduo da periferia. Por estarmos nos confrontando a um aspecto coletivo da sociedade, sabemos que podemos associar várias pautas que o poema nos permite refletir, porém escolhemos dois pontos específicos para uma breve reflexão: a questão de raça e de classe, relacionando o discurso racista contra as

comunidades periféricas e as articulações midiáticas que silenciam a cultura marginal/periférica.

Inicialmente, o poema nos proporciona um diálogo entre o eu lírico e o eu real. A violência presente no cotidiano da periferia é citada no poema através do exemplo da morte do *funkeiro* MC Daleste. Daniel Pellegrine citado no início da quinta estrofe foi assassinado a tiros durante seu show em Campinas/SP. No poema, o poeta descreve sua perspectiva a partir do jovem cantor, apontando seus desejos (*“O moleque iniciava sua caminhada e começava a brilhar/ O brilho nos olhos transmitia que só queria... cantar”*); e também utiliza-se da sua morte como exemplo de silenciamento da voz que representa a cultura marginal/periférica (*“A verdade cantou / O cano da .40 em meio ao seu show: POW! POW! / Daniel Pellegrine e peregrinou para o outro lado”*). Além do MC Daleste, na sexta estrofe do poema, o poeta traz outros exemplos, como o assassinato de outros vários MC’s e pessoas comuns, vítimas da violência presente nas diversas comunidades do Rio de Janeiro.

Ainda sob a perspectiva do marginalizado, proposto pelo discurso do poema, podemos também ver a denúncia desse lado oprimido ao apontar a incapacidade da classe abastada compreender as reivindicações desse grupo marginalizado (*“ Dificil de entender não é, pobre burguês? /Você que legitima esses atos que apoia e ri do outro lado”*). O outro lado, o lado “das grades do condomínio, da televisão”, refere-se de maneira geral, às concepções preconceituosas e racistas de classes sociais que não compreendem as experiências da periferia e são reiteradamente citadas no poema como antagonista dessa voz.

Referindo-se a violência na comunidade e o consequente discurso de ódio contra a comunidade negra e periférica disseminado pela mídia (*“Ó lá o Datena falano: ‘tem que matar memo! / Matar memo esses, tudo esse neguinho de favela, vagabundo!’ ”*) podemos compreender como o discurso racista é disseminado pela mídia, exercendo o papel de controle do discurso. O jogo entre o poder de fala (a mídia) contra o desejo da comunidade periférica em receber o respeito e o reconhecimento de sua identidade cultural. Ao referir-se a periferia, segundo o poema, a mídia cumpre um papel segregador ao ocultar a identidade negra periférica (*“E esse é só o outro lado da história: O QUE A PORRA DA GLOBO NUNCA NOS MOSTRA!”*).

Por fim, podemos inferir de que maneira a comunidade periférica é representada a partir desse poema autobiográfico. Podemos compreender que o discurso formado pelo autor dispõe questões de raça e de classe, sendo esses elementos passíveis de problemas sociais, como apontado ao longo do poema. Também podemos perceber de que maneira as

articulações discursivas por parte da mídia se define como uma forma de repressão a cultura e a comunidade periférica a partir do ódio, do racismo e da violência.

Além disso, a batalha de poesia do *Slam Resistência* proporciona ainda mais a inserção de poetas que vivem nesse contexto, reproduzindo vozes silenciadas. O *Slam Resistência* acentua ainda mais o caráter social por mostrar-se como um manifesto em prol de minorias.

Considerações Finais

Ao longo de nosso trabalho pudemos compreender como as batalhas de poesia produz uma ação social ao democratizar o espaço urbano para, além de uma competição, uma intervenção artística carregada de significados.

Evidentemente esse trabalho se limita a observar e compreender os aspectos sócio-literários dessa modalidade esportiva da poesia, porém só de imaginarmos uma modalidade esportiva em consonância com uma expressão artística sentimo-nos instigados a descortinar este universo.

A partir de todo panorama acerca do movimento *Slam* de poesia, vimos que as batalhas nos permite enxergar o evento como um meio que proporciona a inclusão e a representação de grupos marginalizados, tendo o espaço público como um meio simbólico da liberdade de expressão. A presença de temáticas como a raça, o gênero e a classe reforçam os aspectos de inclusão dessa produção.

Além disso, mesmo não havendo a intenção dos autores em destacar-se diante do cenário literário contemporâneo, o *Slam* nos permite conhecer novos personagens da literatura brasileira que talvez não conheceríamos senão através das batalhas. O *Slam* pode ser visto como um fator que influencia na principal característica que define as produções poética/literárias na contemporaneidade, tanto na literatura brasileira como nos diversos lugares do mundo.

Pudemos compreender, através das análises, de que maneira a mulher negra, a comunidade surda e a comunidade periférica são repreendidos por suas diferenças, seus valores ou pelo seu simples modo de prestar-se no mundo. Escolhemos desenvolver nossas análises baseando-se em questões de gênero, classe e raça, porém sabemos que é possível enxergar diversas outras temáticas que são tratadas por outras minorias, como por exemplo, a sexualidade tratada por poetas que representam a comunidade LGBT, servindo inclusive como propostas para futuras análises.

Todos os apontamentos vistos servem-nos como um modo de registrar as feições dada à produção literária contemporânea. Ao enxergarmos todo trabalho e dedicação para manter o movimento *Slam* de poesia ativo, principalmente no contexto atual em que vivemos, estaremos colaborando com a manifestação artística de várias comunidades e dando a devida visibilidade aos “novos marginais”.

A leitura e a produção da poesia/performance também pode ser utilizada como um artifício metodológico de ensino de literatura, compreendendo todos os elementos linguísticos e performáticos consistentes dessa modalidade falada. Há uma dedicação excessiva por parte dos grupos para desenvolverem o *Slam* nas escolas a fim de construir uma relação íntima entre o público e os poetas, entre o mundo e a poesia.

Por fim, mesmo contrariando as formalidades do campo da pesquisa, o *Slam* nos instiga a desenvolver diversas análises, seja ela no âmbito performático ou discursivo. No fim, a poesia sempre vence.

Referências

BIGOGNO, Paula. **Cultura, comunidade e identidade surda: O que querem os surdos?** Minas Gerais. UFJF. 2017.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça** – o poetry slam entra em cena. Synergies Brésil. n° 9, 2011. p.119-126.

DUARTE, Mel. **Negra, nua, crua**. São Paulo: Ijuma, 2016.

FOUCAULT, Michel **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.

NASCIMENTO, Érica. **“Literatura marginal”: os escritores da periferia entram em cena**. São Paulo. 2006.

NEVES, Cynthia. **Slams - Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo**. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

SABACK, L.;PATROCÍNIO, PRT. **A insurreição dos sujeitos silenciados – Autorrepresentação nos discursos literário e audiovisual**. Revista ALCEU - v. 13 - n.26 - p. 127 a 140 - jan./jun. 2013

YOUNG, Iris Marion. **Representação política, identidade e minorias**. Revista Lua Nova, Lua Nova, São Paulo, 67: 139-190, 2006.

Anexo I

Poema: Sobre Empoderar

Autor: Mel Duarte

Meu nome é doce mas não se iluda
Em tempos de guerra é preciso convocar seu Buda
Astuta sigo na labuta
Ta bom! Você quer espaço? Eu chego pro lado, não precisa de disputa

Sigo a minha intuição, vozes por vezes sussurram em meus ouvidos
Pois na rua qualquer movimento suspeito é identificado como perigo
Quando vejo homens abusando do livre arbítrio,
Enquanto irmãs fraquejam sem um ombro amigo.

Nessa selva de pedra, meu teto é de zinco
Sou atleta, exército minhas palavras para acertarem seu íntimo
Um tanto quanto inquieta quando a vida impõe seus labirintos
Preta.
Poeta.
De raro instinto.

Não quero festa cara, nem roupa de gala
O que eles gastam em um dia é o mês que minha mãe trabalha
Não sou ambiciosa meu sonho não é riqueza
Eu quero invadir escolas com histórias negras!

Pois durante anos fomos silenciadas, amarradas
Abusaram das nossas, as convenceram de que não eram nada
Só que a minha geração não fica mais calada,
Hoje minha boca é meu escudo e minha espada.

A sociedade não espera pelo revide
Enquanto eles pedem por intervenção militar
É hora do levante e não haverá reprise!
Pois feminicídio agora é palavra nova
Que uma classe reacionária nem sabe usar,
mas mesmo assim, estampam cartazes e na avenida paulista saem com ela para desfilar

Esse tipo de coisa me causa ânsia de vômito,
Pois mais de 400 mulheres morrem ao mês, sendo 60% delas negras
Só que esses dados sempre são omitidos.
O machismo mata todos os dias!

Mas foi-se a época em que nos escondíamos
Pois hoje já posso avistar,
no horizonte um batalhão de mulheres em punha
Prontas para atacar!

Agora já é tarde, estamos espalhadas
Temos um legado a retomar
Por hora, 40% de mulheres,
Empoderadas
Mas venho pra dizer que essa estatística vai mudar
E quando menos esperarem,
Racistas, machistas
Vocês terão que se curvar!

Anexo II

Poema: Pequeno manual da cultura surda

Autor: Catharine Moreira e Cauê Gouveia

Um: a palavra é surda, não é surda-muda
Muda é uma pessoa que não tem voz
O surdo tem voz
Se você duvida, deixa ela gritar no seu ouvido

Dois: Libras é uma língua completa
Com gramática e tudo
Não é mímica, “igual aquele jogo
Imagem em ação”, não
Também não é gesto
Tipo “o banheiro é pra lá”
Sinais podem significar palavras
Mas também representa estados emocionais diferentes
Que deixam palavras como saudade no chinelo
Quer ver? “Sau-da-de”

Três: Não existe milagre
“Porque essa surda não usa um aparelho ou um implante pra ouvir logo?”
Todos os procedimentos pra normalizar as pessoas
Envolvem dor, custo e risco
Envolve dizer “você tá errado”
“Você tá errado”
“Você tá errado”
Tem um padrão e você não se encaixa
Quer aprender um sinal? Opressão.

Quatro: O surdo pode ser esperto, lerdo, legal
chato, tímido, bravo, homem, mulher
Nenhuma das alternativas,
Todas as alternativas
Igual uma pessoa, sabe?
Se você se sente diferente assustado, incomodado com o outro
Quer aprender?
Empatia
Empatia
Empatia

Anexo III

Poema: Título desconhecido

Autor: Rafael Carnevali

EXTRA EXTRA EXTRA EXTRA

Morte por ingestão de 25 doses de vodca
deixou o povo mais chocado
do que a distribuição gratuita de balas
por desconhecidos fardados

O outro lado, o lado que é menos visto
o lado que é mais julgado
Desse lado mais um jovem se foi, executado
por falar o que não devia
mas será que não devia
se falava o que sentia, o que vivia?

Diz aí: como pode julgar ostentação
quem sempre teve brinquedo, os pano, refeição?
Como pode julgar o rancor com os homi
quem nunca se sentiu oprimido
em becos em que qualquer neguinho
é fácil confundido com bandido?

O moleque iniciava sua caminhada e começava a brilhar
O brilho nos olhos transmitia que só queria... cantar
suas ideias, seus anseios, suas dores
A verdade cantou
O cano da .40 em meio ao seu show: POW! POW!

Daniel Pelegrino e peregrinou para o outro lado
pelo tráfico, pelas drogas, pelo destilado
por um grupo de extermínio que caça
quem afronta o corrupto legado
Foram para o outro lado por cantarem
por gritarem os anseios do outro lado do muro

Duda do Marapé, MC Boladão
Primo, Careca, Amarildo, Cláudio, os Pixadores
o camelô, Eduardo de dez anos!
Seres da oeste, da norte, da sul, da leste

Daleste! Difícil de entender não é, pobre burguês?
Você que legitima esses atos que apoia e ri do outro lado

Ah-ha!

Ó lá o Datena falano: "tem que matar memo!
Matar memo esses, tudo esse neguinho de favela, vagabundo!"
Burguês, você não sabe o que é favela!
Você que nunca pegou transporte lotado
Nunca tomou enquadro abusivo
Vive com um copo de uísque na mão

Você do outro lado dos muros
das grades de condomínio, da televisão
com medo de andar pela rua
e que todos os negros do mundo te agridam
Mas desse lado as lágrimas caem
dos corações humanos, dos corações iguais
e nutrem a Terra com a semente da revolta
pois não há mais volta!

Levaram o pai, o amigo, o irmão
por mãos que se intitulam a Lei
Mas eu sei, vocês sabem quem são
Um salve a todos que nunca deixarão de cantar ou gritar o que vivem
CONTRA O GENOCÍDIO DA POPULAÇÃO PRETA, POBRE E PERIFÉRICA

Movimento Rock, Rap, Funk, Afroreggae, skate e poesia
Por que por mais que não satisfaça
se tem amor, que tenha quem faça!
São mais guerreiros que ficaram na memória
E esse é só o outro lado da história:
O QUE A PORRA DA GLOBO NUNCA NOS MOSTRA!"